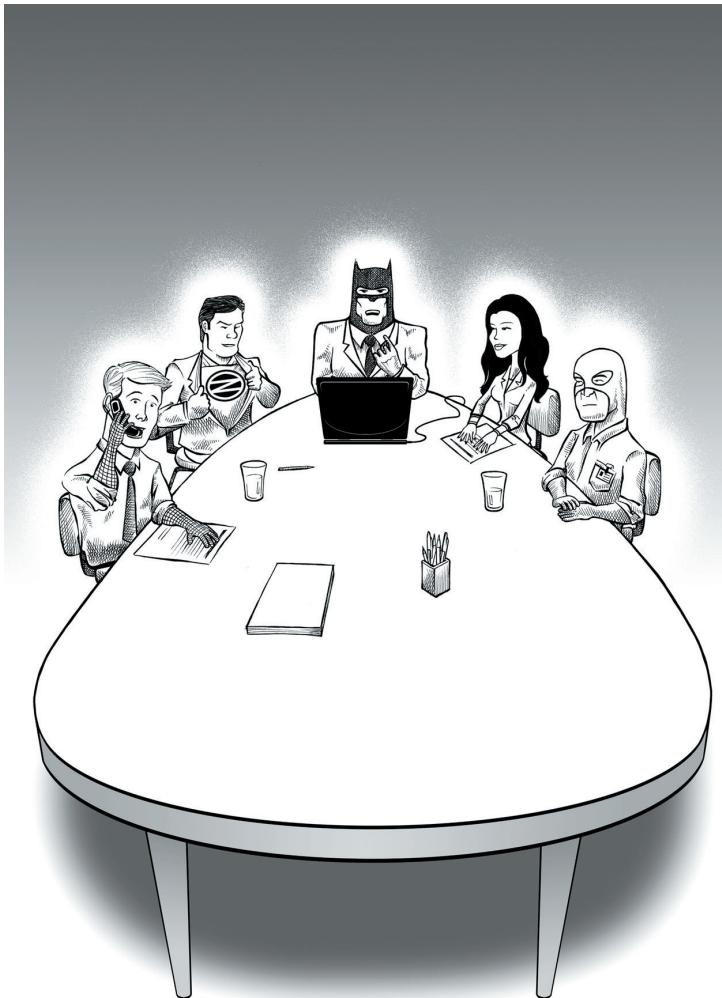


Capítulo 4

Super-heróis corporativos



O processo de sobrevivência no mercado é uma superaventura, com supervilões, dificuldades gigantescas, imprevisíveis, inimagináveis. Neste contexto, não basta ser um herói ou uma heroína, tem de ser super-herói, com qualidades superiores às de um ser humano e também às de um herói.

Não é novidade que estamos vivendo uma era globalizada, que o capitalismo gera competitividade, em que somente os super-heróis conseguem sobreviver. Ainda assim, para conseguir êxito, necessitam de ajuda divina e muita sorte, pois a tarefa é, no mínimo, heróica.

Não basta ser um herói com qualidades físicas, morais e mentais especiais, pois a coragem não é mais considerada uma qualidade extraordinária restrita apenas aos heróis, mas é necessária para enfrentar a rotina no trabalho.

A coragem virou necessidade básica para enfrentar atividades cotidianas. É vital ser inteligente, ter moral, dominar a tecnologia e contar com amigos superpoderosos que possam e queiram ajudá-lo quando necessário. Tudo isto reunido define um herói, além de ser as características básicas para qualquer ser humano que pretenda sobreviver no mundo corporativo. Sem esses itens básicos serão extintos e arremessados para fora do jogo, antes que percebam o que os atingiu.

A menos que o sujeito tenha nascido em outro planeta com superpoderes, ou por um passe de mágica tenha adquirido poderes, ou sido exposto a uma forte radioatividade, contato com energia nuclear ou cometas estelares. A única forma de um herói (todos os seres humanos de boa índole são heróis) transformar-se em um super-herói é mediante a potencialização de suas habilidades físicas e mentais, fazendo com que estas se tornem excepcionais. Somente assim estará pronto para enfrentar superdesafios. Poderão utilizar a supercriatividade, criando roupas, instrumentos, armazenando conhecimentos e estabelecendo contatos que multipliquem suas capacidades humanas e heróicas para se transformarem em super-heróis.

Assim, para buscar o sucesso é necessário ser um super-herói.

O destino da humanidade está sendo controlado por supervilões, cujos superpoderes incluem a compra e venda de países, o domínio sobre as

bolsas de valores, controlando-as quando sobem e quando caem vertiginosamente. Podem iniciar uma guerra a qualquer momento, utilizando-se de falsos pretextos como a existência de armas nucleares nos países inimigos, mas escondendo as reais intenções de assumir o poder sobre o destino da humanidade, controlando uma das mais cobiçadas e escassas fontes de energia do mundo, o petróleo.

Esses supervilões, profissionais na arte de manipulação e disfarces, sempre utilizam identidade secreta e estão disfarçados de diplomatas, presidentes de países e de empresas, investidores, empreendedores, políticos, primeiros-ministros, religiosos e empresários capitalistas.

Uma das grandes vantagens da globalização é a velocidade com que determinados fatos que ocorrem em qualquer lugar do mundo, por mais remoto que seja, repercutem nos mais distantes locais. Em frações de segundos, bastando alguns *clicks do mouse, e-mails*, telefonemas, os super-heróis tornam-se reféns dessas superpotências, capazes de gerar catástrofes, ondas de crescimentos pseudo-sustentáveis, criar empregos, eliminar e iniciar crises econômicas que podem impactar positiva ou negativamente as carreiras dos super-heróis corporativos em qualquer local do planeta.

As empresas buscam super-heróis, forçando o culto da excelência, fazendo com que os seus funcionários acreditem que todos têm chances iguais de ser executivos bem-sucedidos e de se tornarem líderes carismáticos. Trata-se de uma farsa, a venda de um sonho que nos escraviza, o que facilmente é comprovado pelo simples fato de que em uma batalha é impossível que todos sejam vencedores.

Estamos em uma batalha em que lutamos por nossa sobrevivência e, como em todas as guerras, há os vencedores e os vencidos. O sucesso é a palavra de ordem, o que é uma crueldade para os indivíduos; o sucesso é volátil e passageiro. Historicamente, todos os heróis e super-heróis mais cedo ou mais tarde caem, morrem ou se aposentam.

Não existe sucesso absoluto, somente em alguns filmes e quadrinhos os super-heróis sempre vencem, independentemente dos obstáculos e desafios.

Na vida real, o super-herói precisa aprender a conviver com as derrotas e, apesar de tudo, levantar e tentar novamente. Estes são os verdadeiros super-heróis corporativos: os que nunca desistem e são flexíveis.

Sabemos que as empresas pregam a busca de colaboradores criativos, mas, na verdade, busca-se a previsibilidade do comportamento do indivíduo; não há espaço para surpresas, tampouco para improvisações. O indivíduo deve seguir as especificações do cargo que ocupa, preferencialmente sem apresentar mudanças do que lhe foi ensinado. Ao buscar sucesso, o profissional irá se aprofundar na personalidade da empresa, adotando os seus valores, suas normas de conduta e uma ética própria que ele deve seguir dentro e fora dela.

Não pense que os super-heróis dispõem de privilégios especiais. Até mesmo eles devem ajudar a empresa a atingir seus objetivos e, no caso, todos os seus desejos pessoais serão atendidos, contanto que se dediquem e se sacrificuem intensamente, abdicando da vida pessoal em favor das necessidades da empresa, mantendo com estas um forte vínculo e valorizando o sobrenome corporativo, o qual deve ser mais importante que a própria identificação, nome e sobrenome do super-herói.

As empresas vão cobrar rigorosamente de cada funcionário que ele não só seja, mas também queira continuar sendo esse herói incansável, dominador e vencedor no jogo dos aumentos constantes dos padrões de desempenho exigidos na era da globalização. E todos esses padrões que levam à excelência devem ser mantidos pelos profissionais por tempo indeterminado, pelo menos até a sua aposentadoria ou demissão. Dedicação e comprometimento em momento algum são garantia de estabilidade. Mesmo que as empresas deixem de ser simplesmente um local de trabalho que recompensa seus colaboradores com um salário. Não basta rezar e ter fé, muito menos esforço e dedicação sem, efetivamente, apresentar resultados positivos que gerem lucro e possibilitem a continuidade da instituição no mercado.

Como somente os super-heróis têm a habilidade de vencer sempre, a supervvalorização do sucesso precisa ser enfrentada por um personagem

heróico. Se você não se sente um super-herói, tente se inspirar em um dos modelos a seguir e identificar-se com um dos personagens. Transforme-se o mais rápido possível!

Super-Homem

“O que é aquilo no céu? É um pássaro? É um avião? Não, é o Super-Homem”

Ninguém incorpora melhor o papel de super-homem que o gerente, gestor, líder, o que assume essa função estratégica na organização.

Todos os funcionários inseridos no mundo corporativo são super-heróis ou, pelo menos, heróis. Para ser o líder de tantas estrelas, o super-homem acumula competências necessárias. Todos sabemos que ele é o mais poderoso dentre os super-heróis conhecidos.

Ele pode voar, é tão ágil quanto a velocidade da luz, visão de raio X, ouvidos superpoderosos que fariam a rádio-pião morrer de inveja, corpo de aço. Ao abrir a boca, o seu sopro pode fazer os outros gelarem ou queimarem, e facilmente suga todas as toxinas e mantém o ar renovado e saudável.

É considerado um dos mais poderosos arquétipos positivos da masculinidade, um ídolo que projeta os maiores e melhores sonhos de nobreza. Seus poderes extraordinários mudaram com o tempo. Inicialmente eram basicamente três: a supervelocidade, mais rápido que uma bala, a superforça, mais poderoso que uma locomotiva e capaz de transpor um arranha-céu em um pulo, além da invulnerabilidade, o homem de aço.

Porém, com o aumento da competitividade e do número de heróis desempregados, evitando correr o risco de ser substituído, foi obrigado a evoluir (deve ter feito MBA ou pós-graduação) e conquistou outros diferenciais competitivos, recebendo novos poderes, como o vôo e a visão de raio X.

Como a maré não está para peixe pequeno, até mesmo o super-homem continua se reformulando, se adaptando e evoluindo. Somente para completar o seu currículo, ele é um herói puro, cristalino, um ótimo representante

da perfeição. Não só sintetiza as inúmeras qualidades físicas, como corpo atlético, cabelo bem-cortado e olhos belos que transmitem sinceridade e serenidade, mas também virtudes, como senso ético, austeridade, bondade e inteligência. Podemos considerar o super-homem um ser perfeito.

Ser completo e perfeito é o mínimo que se espera de um gerente no cenário atual. Os requisitos são os mais variados possíveis e, muitas vezes, paradoxais. As empresas querem antes de tudo pessoas dispostas a se dedicarem integralmente a elas, indivíduos que desejem loucamente o sucesso e tornem esta a sua missão de vida. O sucesso deve ser colocado em primeiro lugar e o sujeito, extasiado com a promessa de sucesso, via trabalho árduo e amor à organização, deverá se dedicar integralmente à empresa, tornando-se um modelo ideal.

Somente um ser completo poderá atender a uma análise crítica do excesso de exigências de qualidades que um líder deve ter ou desenvolver, tais como: ter presença de espírito, ser feliz e bem-humorado, pois quem é feliz tem muito mais chances de sucesso na carreira. É fundamental ter alto astral, garra e determinação. Ser responsável e maduro, mas, ao mesmo tempo, sem reprimir a criatividade, deve deixar a imaginação livre e ser receptivo a sugestões visando encontrar a melhor solução aos desafios diários geradores dos melhores resultados. Precisa ser crítico, indispensável, essencial e decisivo. Todavia, isso tudo não é suficiente. O gerente tem de ser pontual, focado em objetivos, necessita encontrar e organizar as informações de modo a transformá-las em conhecimento, não deve falar demais nem pode omitir informações. É necessário ter grande iniciativa, mostrar que não tem medo de autonomia, saber liderar com desenvoltura e carisma, exibindo autoconfiança. Não podemos esquecer que ele necessita ser intuitivo, liberando todo o seu potencial profissional e pessoal, estimulando o autodesenvolvimento, o autoconhecimento e a criatividade. Tem de saber ouvir, falar, principalmente em público, e estimular a ousadia de seus subordinados. Tem de ser um líder nato, lidar com diferentes tipos de personalidades, estar presente em tempo integral e a par de todos os detalhes e, mesmo assim, incentivar a sua equipe a exercitar a autonomia na tomada de decisão. Tem de ser

sensível às necessidades de todos que o cercam, ser capaz de trabalhar em equipe e cultivar parcerias e alianças. Deve ser competitivo, gostar do que faz, ousado, firme e empreendedor, mas, ao mesmo tempo, não pode ter receio de expressar dúvidas, apresentar alternativas variadas e confessar que está inseguro. Precisa demonstrar que não é uma máquina, que tem emoção, sem jamais perder a calma, aumentar permanentemente a sua empregabilidade, procurar se atualizar o tempo todo, participar de processos seletivos e, a par disso, demonstrar comprometimento e motivação com a empresa. Tem de ter boa aparência e saúde impecável. Por incrível que pareça, este é o perfil de gerente idealizado pelas empresas, e não a biografia do Super-Homem.

O perfil de gerente executivo que atualmente se busca é o daquele que domina a dramaturgia corporativa, que sabe envolver e motivar os funcionários de acordo com as deliberações e metas da empresa, além de outras atividades implícitas ao cargo de liderança. É ou não é um super-homem o profissional que se enquadra neste perfil? Somente um super-herói conseguiria realizar simultaneamente todas essas tarefas e ter todas essas competências e características de personalidade. O desafio e a missão heróica imposta aos gerentes incluem combater a injustiça, defender os fracos e oprimidos, incorporar uma mensagem de liberdade, rompendo com os limites naturais e sociais, transformando-se em um ser completo e perfeito. Essa supermissão automaticamente transforma todos os que tentam ser gerentes em super-homens.

O paradoxo encontra-se nos discursos organizacionais divulgados pelas empresas, os quais são totalmente contrários ao superexecutivo. As empresas afirmam, em muitos casos, que os melhores funcionários não são os funcionários-estrelas ou funcionários-heróis. Os melhores colaboradores são os que valorizam o culto à excelência, os comprometidos com os valores e os objetivos organizacionais, e, ao mesmo tempo, são pessoas irrepreensíveis tanto na vida profissional quanto na pessoal. Contudo, não são super-heróis, mas, sim, apenas mortais comuns com qualidades excepcionais. Porém, percebam que o sonho dourado de todas as empresas seria encontrar um gerente com o perfil que acabamos de descrever, mas descobrimos que

somente o super-homem em pessoa poderia atender a quase totalidade do que é realmente desejado.

Este funcionário procurado não se considera um astro nem é arrogante ou orgulhoso, visto que se trata de um gerente humilde que faz tudo para o bem da empresa, dos funcionários e dos clientes, sem que isso exija que se utilize de poderes especiais.

Será que alguém algum dia irá perceber que o que se prega é diferente do que se impõe e do que se procura? E que os gestores e líderes de pessoas estão presos em um labirinto sem saída?

Realmente, tudo isto parece uma grande piada, e definitivamente é uma comédia corporativa. Gerentes não podem mandar porque os funcionários iriam reclamar, ficariam desmotivados, a produtividade cairia e os resultados não apareceriam. Também não podem deixar de mandar porque a pressão por resultados imediatos é enorme e a competência de sua gestão está sob avaliação.

Somente o super-homem poderia sobreviver em meio a tal situação e tentar obter resultados satisfatórios.

Batman e Robin

Seguindo a linha de pensamento anterior, podemos chegar a uma analogia interessante, quase uma constatação:

Se o super-homem é o gerente, Batman é o presidente.

Quando analisamos o referencial de um super-herói nos filmes, revistas em quadrinhos e televisão, Batman não é uma sumidade e, em alguns casos, até é considerado um anti-herói, acentuando ainda mais sua diferença em relação ao super-homem, que é um exemplo para todos os outros super-heróis, ao passo que Batman tem sido retratado de certa forma defeituoso, até um pouco neurótico, implacável com os inimigos. É um justiceiro que faz justiça com as próprias mãos, mesmo que tenha de ferir pessoas inocentes ou culpadas.

É capaz de grandes proezas, tem linhagem nobre, é filho de milionários, teve educação primorosa, o que contribuiu para ser sempre bem-relacionado, com diversos amigos no poder, convivendo intimamente em várias instâncias, desfrutando grande prestígio, reconhecimento e *status* na sociedade em que vive. Domina tecnologias de ponta, tem uma linha de comunicação direta com os principais executivos e detentores do poder na cidade, controla e manipula informações, muitas vezes sabe antecipadamente de notícias que poderão mudar o destino de milhares de pessoas, é considerado o salvador da pátria, trabalha muito bem em equipe, quando lhe convém, sabe escolher com primor os seus subordinados e parceiros; repare na dedicação constante que Alfred lhe demonstra. Sempre fortalece laços e parcerias, obtendo os melhores resultados, visando a estratégias de longo prazo, tem um estilo de gestão sério, comprometido, obstinado e focado em resultados. Pode até parecer anti-social a alguns, porém mantém sua rede de *networking* ativa, muito bem-selecionada e estruturada. É ou não é a descrição de um presidente ou diretor-presidente de qualquer grande corporação?

A dupla que Batman e Robin constituem é invejável. Robin gosta de ser o vice-presidente, não se importa em ser o coadjuvante, em alguns casos, até se rebela, arrisca-se em consequência de sua pouca maturidade e inexperience, ou seja, por sua “santa ignorância, Batman”. Contudo, na maior parte do tempo, é um perfeito integrador, sempre auxiliando Batman e evitando que este seja apunhalado inesperada ou desavisadamente. Trata-se de um parceiro fiel, honesto e sempre alinhado com as missões e desafios da dupla, sugerindo propostas de soluções, inovando, propondo estratégias e executando com perfeição os planos traçados e elaborados. Todavia, Batman é quem domina sempre o lado intelectual, articulando com o poder e a tecnologia, e comanda as soluções para os desafios e ameaças que possam desestabilizar a ordem estabelecida.

Capitão América

Se Super-Homem é o gerente, Batman, o presidente, Capitão América pode ser o representante dos funcionários públicos.

Capitão América é um representante do governo, foi considerado uma das mais famosas campanhas de propaganda política americana da década de 1940, iniciando sua carreira com a missão de atrair jovens americanos para o alistamento militar. Naquele momento, tornou-se um herói para milhares de crianças aterrorizadas pelas notícias das guerras na Europa e no Pacífico, amplamente veiculadas na época. Para tempos de guerra ou de paz, o personagem de Capitão América, de maneira explícita, encarnou, por suas idéias, atitudes – e mesmo pelo uniforme –, os valores que o governo gostaria de divulgar por meio do estilo de vida do cidadão americano, o *american way of life*.

Todos que conhecem o Super-Herói por meio de quadrinhos sabem que o personagem Steve Rogers voluntariamente se ofereceu como cobaia a uma experiência arriscada, na qual teve de passar por um processo de seleção; não foi um concurso público, mas bem que poderia ter sido. Como resultado final dessa experiência, tornou-se o musculoso e ágil campeão dos ideais do mundo livre, o super-herói que lutaria contra o mal supremo representado pelos nazistas, fascistas e tropas imperiais do Japão.

Trata-se de um superpatriota, que veste sempre um uniforme impecável, politicamente correto e sem grande expressão, corre riscos calculados e está disposto a morrer por seu país, chega sempre no momento exato em que precisam de seu auxílio, cumpre com o seu dever, respeita hierarquias e se oferece em sacrifício para salvar a nação a cada dia.

Capitão América, assim como os funcionários públicos, vive acorrentado pela estabilidade oferecida pelo sistema, não é questionador por natureza, acredita que o sistema funciona e a máquina governamental é muito bem-estruturada e inquestionável.

Este efeito acontece com os funcionários públicos que acabam se acostumando com diversas algemas invisíveis que os obrigam a ficar sempre no mesmo emprego, na mesma empresa, enfrentando os mesmos desafios e fazendo as mesmas reclamações, ano após ano. É muito difícil pedir a um funcionário público que se arrisque a lutar contra o sistema de trabalho em que se encontra, visto que seria o mesmo que pedir a Capitão América para

se mudar para o Japão. Nunca iria abandonar a estabilidade, os benefícios trabalhistas, a aposentadoria com complementos, pelos anuênios, biênios, férias sem vencimentos, 13º. 14º. e até 15º. salários, planos de saúde sem carência e sem limites, entre tantos outros inúmeros benefícios.

Por mais insatisfeito que o funcionário esteja com o sistema, assim mesmo é difícil largar tudo e se arriscar na iniciativa privada ou ser empreendedor. Os mais corajosos podem se aventurar e voltar para informar aos demais que encontrou “queijo”. A dificuldade quanto à algema de ouro dos funcionários públicos está no fato de que ninguém pode “mexer no seu queijo”. Quando se é funcionário público concursado, ninguém pode demiti-lo, podem até transferi-lo, até encostar-se em uma sala, lendo jornal por mais de um ano sem ter o que fazer, podem mandá-lo para Crixipo, ou Barra de São Francisco, mas não podem demiti-lo sem justa causa, e tem de ser muito justa, senão haverá processo judicial e em 90% dos casos o funcionário ganhará a causa, tendo de ser readmitido e todos os salários creditados em sua conta, mesmo que não tenha trabalhado.

Capitão América é um representante fiel dos funcionários públicos que, apesar de terem direito à estabilidade, conquistado por árduo processo de seleção em concurso público, esta acaba gerando um certo comodismo muito difícil de se romper, o que praticamente inviabiliza o ingresso desses funcionários nos postos de trabalho do mercado na iniciativa privada.

Trata-se de dois mundos completamente diferentes, e como legítimo representante dos funcionários públicos este super-herói tem basicamente duas missões muito desafiadoras a cumprir para tentar harmonizar o mundo: a primeira é fazer com que os funcionários públicos tornem-se mais empreendedores e a segunda, proporcionar mais estabilidade aos funcionários do setor privado.

Homem-Aranha

Se Super-Homem é o gerente, Batman, o presidente, Capitão América, o representante dos funcionários públicos, Homem-Aranha é o representante dos profissionais liberais autônomos e empreendedores.

O Homem-Aranha, de Stan Lee, um fenômeno da cultura *pop*, não tem origem nobre, não nasceu em berço de ouro, não é extraterrestre, não tem um bom relacionamento com o poder, sua rede de relacionamentos é fraca e quase sempre reside em bairros de baixo nível socioeconômico, não tem a mesma força física ou psicológica, nem a mesma integridade de Super-Homem ou determinada de Batman. É um pós-adolescente, um *nerd* e, em muitas situações, atrapalhado. Quase por milagre tornou-se um super-herói, visto que foi picado por uma aranha, que lhe conferiu super-poderes, os quais não lhe foram concedidos por um deus, mas pela nova e revolucionária mitologia moderna, que passou a ser uma religião, mas que assumiu a roupagem de ciência e, dessa forma, a origem do Homem-Aranha equivale a uma origem divina.

Teve de lutar desde a infância: órfão de pais, o Homem-Aranha transforma-se em super-herói após a morte de seu tio, que representava a figura paterna. Naquele momento, o mundo ficou mais pesado ainda, pois ele passa a assumir a responsabilidade de sustentar sua tia idosa, não tem necessariamente uma formação acadêmica invejável, ganha pelo tanto que produz, trabalha por hora, se tirar fotos extraordinárias, pode conquistar um espaço no jornal, caso contrário, morre de fome, pois não tem salário fixo, garantia de empregabilidade; muito pelo contrário, está o tempo todo literalmente na corda-bamba ou, no caso do Homem-Aranha, na teia-bamba. Vive sofrendo ameaça de demissão. Por mais que odeie o seu chefe, tem de ser dissimulado o suficiente para fazer de conta que está obedecendo às ordens dele para se manter no emprego.

O caso do Homem-Aranha é tão desesperador que ele é um dos únicos, se não for o único – super-herói que utiliza seus poderes especiais para garantir o próprio sustento e o da sua família. Ele não tem pudor em perseguir seus objetivos e após uma longa batalha entre amigos, colaboradores, inimigos e forças poderosas, pedir um sorriso para registrar em uma foto que irá garantir o seu justo pagamento.

Assim como os profissionais liberais o Homem-Aranha não tem horário fixo de trabalho, o que não significa que não trabalhe. Muitas vezes vê-se

obrigado a virar noites correndo atrás dos seus objetivos, trabalha de madrugada, freqüenta todos os tipos de ambientes e busca conquistar mercados onde quer que tenha a possibilidade de realizar sua missão como super-herói e fotógrafo. O super-herói procura bandidos e os profissionais liberais e empreendedores, clientes lucrativos e parceiros confiáveis.

Segundo Nildo Viana, “as aventuras dos super-heróis expressam uma fantasia que é a expressão do inconsciente coletivo, isto é, o desejo do poder. Ora, vivendo numa sociedade dominada pela repressão, pela burocracia, nada é mais natural do que buscar na fantasia a força para ultrapassar o estado de coisas que criticamos”.

Mulher-Maravilha

Você já reparou que a Mulher Maravilha é uma das únicas heroínas existentes com alguma relevância? Até o mundo da fantasia dos super-heróis é dominado por homens. Nesta dimensão, as mulheres são a minoria, além de consideradas instáveis, ambíguas e confusas.

A maioria dos super-heróis utiliza armas, sendo impossível não perceber a natureza fálica que simbolizam espadas, facas, arcos e flechas, munições ou mísseis. Empunhar uma dessas armas é a representação clássica da própria masculinidade de uma forma mais aceitável. Resume a personalização da masculinidade numa roupagem nobre a ameaçadora.

De acordo com este ponto de vista, a Mulher-Maravilha é uma exceção, visto que não possui armas fálicas. Suas defesas constituem em um bracelete, uma tiara, um avião invisível e um escudo mágico, símbolos de beleza e proteção.

Faremos, agora, uma retrospectiva quanto à mulher e à sua cidadania focando seu posicionamento e sua evolução no mundo corporativo até o contexto e dilema contemporâneo.

Para tornar visível a situação da discriminação da mulher na sociedade, o termo feminismo surge no século XIX. Na Grécia, as mulheres ocupavam a

mesma posição social que os escravos. Em Roma, o páter-famílias legitimava o poder do homem sobre a mulher.

Na Idade Média, apesar de as mulheres ocuparem posições de comando nos negócios familiares, a época foi marcada por grandes perseguições contra elas: a caça às bruxas, a Igreja, por meio do Santo Ofício (Inquisição), em nome da fé, massacrou e queimou milhares de mulheres. Há registros que confirmam que no século XIV em apenas um dia foram executadas três mil mulheres. Muita opressão e discriminação resultaram em estatísticas de morte que revelaram a proporção de dez mulheres queimadas para cada homem. Joana D' Arc, mesmo tendo demonstrado o seu valor na guerra e chefiado exércitos que buscavam salvar a França contra os ingleses durante a Guerra dos Cem anos, após ser acusada de feiticeira, foi queimada viva como muitas outras.

Em 1789, em plena Revolução Francesa e considerando os inúmeros movimentos na Europa, a mulher continuava socialmente sem expressão, literalmente em segundo plano. No início do capitalismo, logo após o fim do feudalismo, começaram os protestos e surgiu o movimento feminista.

Por causa das guerras e necessidades impostas pelo capitalismo, a mulher viu-se forçada a buscar oportunidades no mercado de trabalho e a sair de casa para garantir a sobrevivência da família.

Em 1791, Olympe de Gouges lança a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. Como resultado de sua audácia, acabou condenada à morte na guilhotina. Em 1848, vem à tona o Manifesto Feminista, inspirado no Manifesto Comunista de Marx. As condições de trabalho, na época, eram ruins para os homens e precárias para as mulheres.

O Dia Internacional da Mulher nasceu em meio a esse contexto, quando 129 tecelãs da Fábrica de Tecido Cotton de Nova York, em 1857, iniciaram um movimento solicitando e reivindicando aumento de salários e redução da jornada de trabalho para 12 horas. Esta se tornou a primeira greve organizada por mulheres. Completamente insatisfeitos com a greve, os donos

das fábricas trancaram as portas e incendiaram as fábricas com as operárias dentro, morrendo todas queimadas. Dia 8 de março tornou-se o Dia Internacional da Mulher em homenagem a essas trabalhadoras.

Tanto a Primeira quanto a Segunda Guerra Mundial garantiram mais espaço às mulheres nos postos de trabalho que tinham que ser ocupados, pois os homens estavam na guerra. Nas décadas de 1930 e de 1940 foram consolidadas importantes conquistas femininas como o direito ao voto, por exemplo.

Em 1995, na China, aconteceu a IV Conferência Mundial da Mulher, em que se reconheceu que a promoção da eqüidade entre homens e mulheres é vital e fundamental para se consolidar a democracia e alcançar os objetivos de desenvolvimento e de paz na humanidade.

A Mulher-Maravilha foi lançada no mesmo período da Segunda Guerra Mundial pela empresa DC Comics. Essa heroína é a adaptação das amazônias que enfrentaram Teseu, príncipe de Atenas. A personalidade dela é a de uma heroína segura de sua beleza clássica, ciente de sua importância na batalha contra toda uma nova geração de superseres em um mercado basicamente masculino e machista. A amazona enfrenta vários desafios e, à medida que avança nessa aventura, sem perceber, deixa-se dominar por sua paixão pela luta, esquecendo-se dos seus propósitos e prioridades, exatamente como acontece no mundo corporativo com a maioria das mulheres que são forçadas a enfrentar uma dupla jornada de trabalho, na empresa e como dona-de-casa, o que lhe consome muita energia vital.

A dupla jornada feminina é uma realidade: as mulheres estão ocupando mais de 45% dos postos de trabalho em recente pesquisa das maiores e melhores de 2004, da revista *Exame*. Dentre os cargos executivos, 22% eram ocupados por mulheres. Apesar de todos os problemas que ainda enfrentam, como discriminação, salários menores que os dos homens e assédio sexual, estão evoluindo e conquistando um espaço enorme no mundo corporativo.

Mesmo assim continuam sendo mães, donas-de-casa, esposas, cabendo-lhes a função integradora da família. Desde a época das cavernas, os homens saiam para caçar e conquistar novos territórios, enquanto era incumbência da mulher ficar na caverna cuidando da prole e procurando maneiras de tornar o convívio doméstico mais agradável e saudável; na época, foram as descobridoras das frutas, da horta, dos cobertores e agasalhos. Está no inconsciente coletivo feminino ser a pessoa que mantém o lar aquecido. Essa missão sagrada complica-se com a ocupação de funções no mundo corporativo, pois o homem não está preparado para dividir a função de integrador da família.

O atual momento contemporâneo não está sendo difícil somente para as mulheres, mas também para os homens que estão enfrentando grandes desafios. Em virtude da mudança de papéis, são obrigados a se tornarem mais “femininos”. Muitos deles afirmam, quando estão desempenhando um papel que necessita mais de sensibilidade ou intuição, que “este é o meu lado feminino”, como se fosse um pedido de desculpas pela inexperiência e falta de prática por não estarem acostumados a realizar o que sempre foi considerado o papel da mulher.

Hoje temos mulheres mais “homens” e homens mais “mulheres”, estamos vivendo um momento de transição em que os papéis não estão definidos e não seguem a receita que vigorou nos últimos milênios. Apesar de ser também uma moda proclamar que todos temos de ser receptivos a mudanças, o ser humano tem grandes dificuldades em mudar, principalmente quando ninguém sabe qual será o desfecho de tantas mudanças que geram inúmeros conflitos, inseguranças e forçam uma transformação de toda uma sociedade e seus códigos de conduta.

A Mulher-Maravilha moderna tem de conviver com o Super-Homem moderno, com outras mulheres-maravilha e com todos os desafios que devem enfrentar os super-heróis e heroínas, sem perder sua essência e prioridades, sem, efetivamente, “se perder” neste mar de dúvidas e mudanças.

A mulher, pelo simples fato de ter nascido com o sexo feminino, tem de ser heroína se pretende continuar a evoluir no mercado de trabalho.